

ENTREVISTA COM EOLO MAIA, SILVIO PODESTA

E MARIA JOSEFINA DE VASCONCELOS

Entrevista da Revista *Óculum* realizada por João Paulo Pinheiro, Paulo Roberto Gaia, Francisco Spadoni, Luiz Fernando de Almeida e Renato Anelli com os Arq. Éolo Maia, Sylvio de Podestá e Maria J. de Vasconcelos, em Belo Horizonte.

Óculum — A gente está se propondo, com a revista, a fazer uma discussão teórica e de projetos, pois não temos uma produção marcante que seja nossa.

Éolo — Em termos de discussão vai ser legal, porque a arquitetura está passando uma fase muito controversa, de transição, e, no Brasil, o pessoal está meio com medo de discutir o que está acontecendo, principalmente em São Paulo, pois lá se tem uma linha muito definida, Artigas, Ruy Ohtake, etc., que tem um trabalho muito bom, mas as coisas estão se modificando um pouco e estão meio confusos, e eles não gostam muito de modificações ou brincadeiras, mas isso é muito saudável, pois nós estamos muito atrasados com relação a outras atividades culturais. A música, o teatro e o cinema evoluíram muito, a arquitetura ficou meio paradinha, talvez por causa da política de opressão que nós tivemos e pela falta de reconhecimento da colocação do arquiteto. A coisa está acontecendo agora e está ficando boa. É, a divulgação... porque a gente não tem crítica, é difícil fazer crítica no Brasil se não se conhece a produção, é uma coisa trágica. Por exemplo, eu não sei o que um cara faz em Salvador ou no Nordeste, mesmo aqui, em Minas Gerais, que é um estado grande, se tem mais contato com o pessoal da capital, no interior, não se sabe o que está se fazendo. É difícil, os arquitetos tem um certo receio de publicar trabalhos, com medo de críticas, gozações, é difícil conseguir de um colega um trabalho para se publicar, e essa é a única forma que você tem de criar uma abertura de diálogo, de idéias, que a gente não tem há quase vinte anos, é difícil, estamos quase sem orientação.

Óculum — Há uma certa mudança no trabalho de vocês a partir de um momento, em uma determinada época. Como começa essa mudança, o Bar do Ricardão influi muito...?

Éolo — Eu acho que começou com a revista. Eu sou mais velho que o Sylvio e a JÓ, formei em 1967, peguei então o milagre brasileiro, aquela loucura de mil concretos, aquela produção imensa até 74/75.

Nós trabalhamos muito, mas ao mesmo tempo tínhamos um questionamento para com a arquitetura do Niemeyer... não que a gente seja contra o trabalho dele, mas é um trabalho muito individualista, muito próprio do gênio, com as características próprias, e nós estávamos sem saber o que fazer, pois haviam dois lados, ou aquela arquitetura fantástica de malabarismo escultural, ou então aquele negócio de Libelú, oba, oba. Vamos fazer casa para o povo e ninguém fazia nada. Nessa época se produzia muito sem se ques-

tionar nada. É uma época própria, histórica no país. Foi quando nós começamos a trabalhar com a PAMPULHA, havia uma publicação antes, que se chamava *Vão Livre* e era um encarte numa revista de preços, de jogo, de prego. Nós fizemos alguns números e a revista começou a crescer. Foi na época que começou a democracia no Brasil, você já podia falar, não tinha mais censura, foi um oba oba incrível, e começamos a ter contato com certas modificações de Arquitetura que estavam ocorrendo e não se sabe porque, pensava-se que a questão era formal e não o próprio questionamento da arquitetura moderna. A revista quando começamos a fazer nos deu um certo momento de reflexão, onde começamos a analisar trabalhos de colegas, questionamos uma série de coisas e partindo naturalmente para outro tipo de trabalho que estamos começando e não é uma coisa que tenha definição.

Sylvio — Aconteceu um negócio muito interessante que foi quando a CARPE abriu um concurso. A CARPE é um órgão estadual que cuida da construção de escolas. Definindo para o estado três tipos de região: sul, triângulo e norte, escolas de periferias, escolas industrializadas que a Açominas estava teoricamente começando a produzir e escolas de grande porte, dentro de cidades, com crescimento vertical. Nós conseguimos entrar em 16 concursos de uma só vez e experimentamos tudo quanto é tipo de coisa que apareceu na frente, platibanda, Hi-tec, foi uma tragédia!

Éolo — Fizemos uma platibanda... Falei... Nossa, matei Oscar Niemeyer. Não tínhamos coragem de fazer uma platibanda porque nossa formação era moderna. Assim, é um negócio interessante, teórico, porque a arquitetura moderna não foi aceita no Brasil, se se pensar no grande público.

Sylvio — Vocês notam em Brasília claramente, o pessoal mora na Carta de Athenas, trabalha na Carta de Athenas, mas quer morar no Coloniozo. Temos o pessoal da fase heróica, foi incrível, mas aquilo esgotou, foi o pessoal que cansou. Você com trabalho, de um modo geral... Claro, você... O pessoal vai querer me matar em S. Paulo, mas tudo bem. Por exemplo: As lições de Artigas foram muito mal interpretadas, com aquele negócio de quatro pilares, aquelas placas que protegiam uma casa num lote urbano, definindo um quadrado. Então começou a só se fazer isso em São Paulo. Você não sabe se é uma casa, uma garagem, um banco, né, quatro, três pilares, aí vem o Zanettini fazendo mil folhas por aí, é lógico tem caras incríveis, Paulo Mendes da Rocha, uma série de arquitetos jovens. Mas a coisa esgotou um vocabulário, sua própria postura. Acho que esta colocação não é bem um estilo, de se buscar coisas no passado, é sim uma postura diferente de você trabalhar com o projeto, mais solta, menos rígida, sem a ortodoxia da arquitetura moderna.

Óculum — Como vocês vêem a escola nesse processo de formação?

Éolo — Eu considero escola o que eu aprendi com os colegas. A minha geração está dando aula hoje, mas acho que é a mesma coisa de quando eu era estudante. Não existe uma discussão crítica, há um medo incrível do desenho, muito papo de pesquisa, muito blá-blá-blá. Agora, a própria postura do arquiteto, de projetar, de resolver o problema, não é muito questionada, é quando muito vista de uma forma muito antiga, da década de 60, de 70 talvez, 70 já começou muita coisa a rolar, e a própria estrutura da universidade dançou. Acho que está todo mundo sem saber o que fazer, os professores, os alunos, no Brasil inteiro, a maior confusão.

Óculum — Vocês pegaram um período de formação. Eu não sei como se deu aqui em Minas, mas em São Paulo isto ocorreu. Foi o

Sylvio de Podestá, Maria Josefina de Vasconcelos e Éolo Maia



período da arquitetura se acreditar como social. Como você vê isso em vocês?

Éolo — A minha geração foi muito influenciada pela Acrópole, porque era uma revista que na época mostrava muita produção brasileira. Havia a *Módulo*, mas a Acrópole era mais incrível. Nós tivemos muita influência dos trabalhos do pessoal de São Paulo, **Paulo Mendes da Rocha**, o **Joaquim Guedes** já era uma influência que nos dava susto, porque era mais forte, eu acho que talvez ele tenha sido o primeiro arquiteto pós-moderno no Brasil, ele questionou uma série de coisas da escola paulista tradicional e era muito pixado na época, pelos colegas, porque fazia umas coisas muito extravagantes, estranhas. Ele tinha muito do *Aalto* e de alguns portugueses. É essa arquitetura social que a gente nunca viu nada construído e nem vai ver porque é um problema político. Agora, a geração antes da minha foi muito influenciada por Brasília, tinha acabado de terminar. A minha geração escapou um pouco disso por causa da Acrópole e de outros serviços.

Óculum — Como é este contato que vocês tiveram com essa arquitetura que se rotula pós-moderna?

Éolo — Minas Gerais tem uma mistura muito forte. É um estado que não é norte nem sul. Culturalmente nós recebemos influência de uma série de regiões e somos um estado tradicionalista, principalmente no interior. Eu sou de Ouro Preto, e isto me marcou numa série de coisas, conscientemente, só depois de algum tempo que comecei a buscar algumas lembranças inconscientes.

Quando nós trabalhamos em Brasília, o primeiro projeto que fizemos foi um colégio, em 1971/1972, nós já tínhamos a preocupação de não fazer aqueles grandes espaços de Brasília, aqueles blocos separados que dá um certo vazio, problema de escala que nós sentíamos, tentamos jogar os blocos do colégio como ruínas medievais, criando parques nas ruas estreitas, uma coisa inconsciente de urbanística. E já havia muita influência do **Louis Kahn**, porque ele para mim virou muito a mesa, é uma postura diferente, você vai juntando as coisas tipo um samba do crioulo doído. A gente discute uma obra e diz que essa arquitetura é muito influenciada, umas realmente são, por exemplo, a arquitetura colonial de Minas veio de São Paulo, trazida pelos bandeirantes, cujos projetos mais simples são os melhores exemplos. Agora, isso é uma cultura que veio de Portugal para cá e nós adaptamos, dá-se uma interpretação regional para aquilo. Por exemplo, **Congonhas**, se você for ver, existe em Portugal uma Igreja que tem um espaço parecidíssimo com a nossa. O **Aleijadinho** deve ter visto aquilo em gravuras e interpretou, o que é muito bom, interpretou de uma forma patropi, meio disforme, estranha, essa assimilação é natural, desde o período colonial nós temos isso. Vem coisa de fora e coisa daqui, e a gente faz o samba do crioulo doído. Acho que a nossa cultura é assim, está começando, é uma cultura jovem. Essa antropofagia é antropofágica mesmo.

Óculum — É muito interessante pensar no trabalho de vocês, uma coisa que coloca o texto do Felipe na introdução do livro *Três arquitetos*, que vocês trabalham de fato cada projeto, cada caso como uma obra acabada. Isso é uma postura radicalmente oposta a postura do Movimento Moderno, que está sempre procurando o tipo generalizado.

Éolo — O Movimento Moderno procurou muita tipologia. O corbusier criou muitos ti-

pos, pilotis, essa coisa toda. Não existe um trabalho que seja uma solução, então em cada trabalho é interessante procurar esgotar o tema. A influência de **Louis Kahn**, não só formalmente, mas na postura de trabalho e cada trabalho é uma situação financeira, econômica e de local. Mesmo o estado de espírito, às vezes você está chateado, você faz uma puta porcaria, você está satisfeito, faz uma coisa mais de bom humor.

Sylvio — Com a revista gerou-se também esse tipo de trabalho acabado, veja, 70% dos nossos projetos não foram construídos. De modo que você já trabalhava aqui pensando na publicação.

Éolo — É diferente porque nós somos mais interior do que São Paulo e lá o pessoal é mais profissional, tem que se ter uma produção, um faturamento, tem de funcionar. Aqui nós somos mais devagar, talvez essa coisa seja negativa de um lado e positiva do outro, porque você tem condições de fazer mais prospecção, pensa mais. Talvez seja por isso que a arquitetura daqui seja mais trabalhada, porque o que se está fazendo é mais elaborado até em excesso.

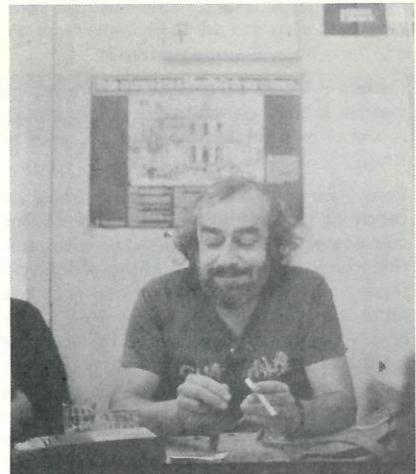
Óculum — Aproveitando sua fala, o que você falou sobre o desenho e vendo seu trabalho na "3 arquitetos" já dá para ter uma noção da relação de vocês com o desenho. Hoje em dia, na escola, é constante a crítica a nível de desenvolver o projeto em prancheta, de se usar o desenho como instrumento de elaboração do projeto.

Éolo — O **Roca**, um arquiteto argentino que esteve aqui, fez uma palestra e estava justamente dizendo isso, eles tem um trabalho em **Buenos Aires** e **Córdoba** muito interessante, pegam um tema e levam ao extremo, agora o cara precisa saber desenhar. Uma isométrica p. exemplo você constrói só com régua e esquadro, tem gente que só projeta com isométrica. Vejam o **James Stirling**, depois que o **Rob Krier** começou a desenhar para ele, o seu trabalho mudou completamente, ficou mais atrevido, um trabalho fantástico e só trabalhando com isométricas. O pessoal está trabalhando muito com isométricas, você pode trabalhar com MAQUETE, mas é uma solução CARA e às vezes você está sem dinheiro para fazê-la, mesmo que trabalhem só com modelo, então uma isométrica pode resolver, pois não precisa nem se conhecer desenho.

Dá para estudar o trabalho incrivelmente, agora aqui em Minas há uma corrente muito grande contra esse tipo de coisa, de um modo geral a turma que desenha aqui está meio complicada, por que não é desenho para apresentação, e sim metodologia de trabalho. Usa-se o desenho como meio.

Sylvio — É preciso ver o problema da cor. Nesse concurso que participamos, no Edital ficava patente que não podia ser trabalhado, a não ser representação numa cópia heliográfica azul. Vejam vocês, a cor é desconsiderada na arquitetura, logo aqui que é cheio de araras, flores, **Joãozinho Trinta**, mangueira, e você não pode usar cor no trabalho, inclusive o pessoal da América Latina acha nosso trabalho muito cafona. Essas cores meio jecas que a gente usa espantam um pouquinho, principalmente os argentinos, mas a gente é colorido.

Éolo — O Brasil é um país cheio de cor, e por que então essa arquitetura tão cinza e tão horrível. Essa cidade já é poluída, muito cinza, triste, e sua arquitetura é tumular. Vocês vêm, esses prédios novos que estão



Éolo Maia

fazendo aqui, granito e vidro fumê, igualzinho cemitério de milionário. Não existe surpresa na coisa, aquele tchan.

Óculum — Teve um arquiteto paulista, que em uma palestra fez uma apologia de alguns minutos, justificando os tons pastéis da arquitetura colonial, para explicar por que era uma cor brasileira.

Éolo — Tem uma igreja em Diamantina que é verde, azul e amarelo, as cores da bandeira nacional. Lá é tudo colorido, é uma arquitetura feminina, mais alegre, um negócio, assim fantástico. Verdes, azuis. O Brasil é o país que possui mais cores de carros. Os verde-abacates vão para o Nordeste, a baianada gosta, os cinzas ficam mais no sul, os cariocas mais azul, vermelho e branco. É um país colorido. E a gente com esse preconceito. A cor é o cinza, o cinza é a cor, o preto é a cor.

Sylvio — Tudo é cinza, concreto, cimento, fumê. E o concreto de uma hora para outra é um péssimo material, por causa de nosso clima.

Estão pensando em fazer uma arquitetura assim, tipo para durar anos, então vamos ficar com ruínas eternas. Acho que somos um País jovem e dinâmico, podemos até dizer a Filosofia do Archigram, um negócio desmontável. Usou e acabou, não se pensa numa posteridade. Os arquitetos modernos, a filosofia da arquitetura moderna, era essa coisa, a posteridade. Então o arquiteto era mais importante que a obra. A arquitetura

Sylvio Podestá



moderna gerou uma série de medidas heróicas, onde o sujeito era mais importante que a própria obra. É muita pretensão !!!

Óculum — Você acham que dá para fazer a mesma leitura crítica sobre a arquitetura moderna que foi feita na Europa, aqui no Brasil ?

Éolo — Eu acho o seguinte, eu não sei..., depende de cada arquiteto e da situação. Porque nós estamos projetando numa situação financeira muito difícil, é muito difícil você fazer hoje uma estrutura de concreto aparente, um negócio de aço, não tem condições. Agora a arquitetura mais barata hoje é a arquitetura mais convencional, é tijolo furado e massa, aí você pinta. Isso não quer dizer que ela é pobre. Você pode criar algumas simbologias, dependendo do seu estado de espírito, da região, do proprietário ou da sua própria cultura, isso tudo dá um certo humor na Arquitetura e o brasileiro é um sujeito muito bem humorado. Agora essa postura combina com a postura Pós-Moderna, tem uma série de correntes, tem o regionalismo, triunfal, Hi-tec, e vai aí uma folia, qualquer coisa é pós-moderna, ninguém gosta de ser chamado de pós-moderno, porque ninguém sabe o que é. É um acriticismo incrível que tá ocorrendo. Agora, há posturas interessantes, que se ela vem de acordo com o seu modo de trabalhar, acho que você deve assimilar e adaptar às suas condições. Agora todo mundo pensa que Arquitetura Pós-moderna é botar coluna grega, pórticos... não é isso, pode até ser... mas não é só isso, é uma coisa muito mais ampla, ninguém sabe direito o que é, essa discussão é até mundial. Agora está todo mundo apavorado com a coisa, deixa a coisa acontecer. Essa folia toda está acontecendo, vamos ver o que vai dar.

Óculum — Pelo que parece vocês realmente seguiram o caminho de fazer desenhos e experimentar a todas estas nossas posturas, estou certo ?

Éolo — Eu acho que a atitude corajosa é que a gente já tinha um trabalho e que poderíamos muito bem continuar neste tipo de linha. Agora era um negócio que não dava muita perspectiva de pesquisa e melhorar a coisa estava difícil, ela já estava esgotada, então a gente está tentando quebrar. Não é que você está mandando a Arquitetura Moderna a merda, ela tem coisas incríveis, maravilhosas, mas não trabalha naquela ortodoxia da arquitetura moderna.

Sylvio — A escala começou a fugir um pouco.

Éolo — Tentamos resgatar uma série de atitudes, até um crítico fala assim, "a arquitetura moderna acabou com todas as arquiteturas porque que agora não se pode acabar com ela, vamos botar ela no seu devido lugar". Agora, criou-se um mito e a turma mais velha de arquitetos no Brasil fica puta com isso, porque depois de trinta quarenta anos de trabalho, a turma nova tá visando o mesa, é um atrevimento... Inclusive quando o Sylvio mostrou para o Niemeyer uma charge que saiu na Pampulha, onde ele, Niemeyer, está atirando setas num prédio do Philip Johnson, ele ficou uma fera, ele não aceita esse tipo de provocação e não era provocação, era uma brincadeira. E aí escreveu aquele artigo na Folha de São Paulo falando que arquitetura pós-moderna é arquitetura de pendurcalhos, "aquele negócio pendurado", não é isso só.

Sylvio — Nós brincamos com ele falando que não era tão fácil fazer pindurcalho, pois quando ele foi fazer aquele cenário para aquela escola de samba lá do Rio, ele dançou. Nós falamos pra ele que era muito mais fácil fazer arquibancada pra ver o desfile dos pindurcalhos, do que fazer estes pindurcalhos. Você fazer uma arquibancada é fácil, mas fazer uns pindurcalhos lá sambando não é fácil não...

Jô — Essa arquitetura é um movimento de negação, de transformação. E nessa transformação você fica mesmo confuso, realmente dá pindurcalho, tem muita coisa, tem que limpar, não é ! Mas esse é o processo até você chegar numa linguagem aprimorada.

Éolo — Isso é um reflexo do momento histórico que estamos passando, em todos os sentidos... politicamente, culturalmente, fim de século. A necessidade está mudando... a informática, essas coisas todas... Acho que é preciso ter consciência que esse negócio não vai durar tanto. Então eu acho natural ela não ser uma arquitetura superdefinida. Agora, é uma arquitetura que o nego sente muito mais, ele vive a coisa muito mais, ele pinta faz o que quisé.

Óculum — Mas essa é uma questão de identidade das pessoas com a arquitetura, e aí parece que ela se resolve a partir de cada obra, vocês não estão em busca de uma coisa que já houve, da tal identidade nacional. Agora, essa discussão não deixa de ser a discussão que hoje parece invadir a arquitetura por todos os poros, que é a relação da arquitetura com o mercado. Nesse sentido a gente vê

que em seus postulados a arquitetura moderna tinha uma postura quase que ética de se rejeitar a fazer uma arquitetura de mercado, no entanto foi a arquitetura que mais se construiu na avenida Paulista e em todos os lugares. Agora parece que vocês enfrentam essa questão do mercado através dessa identidade. Seria correto pensar por aí ?

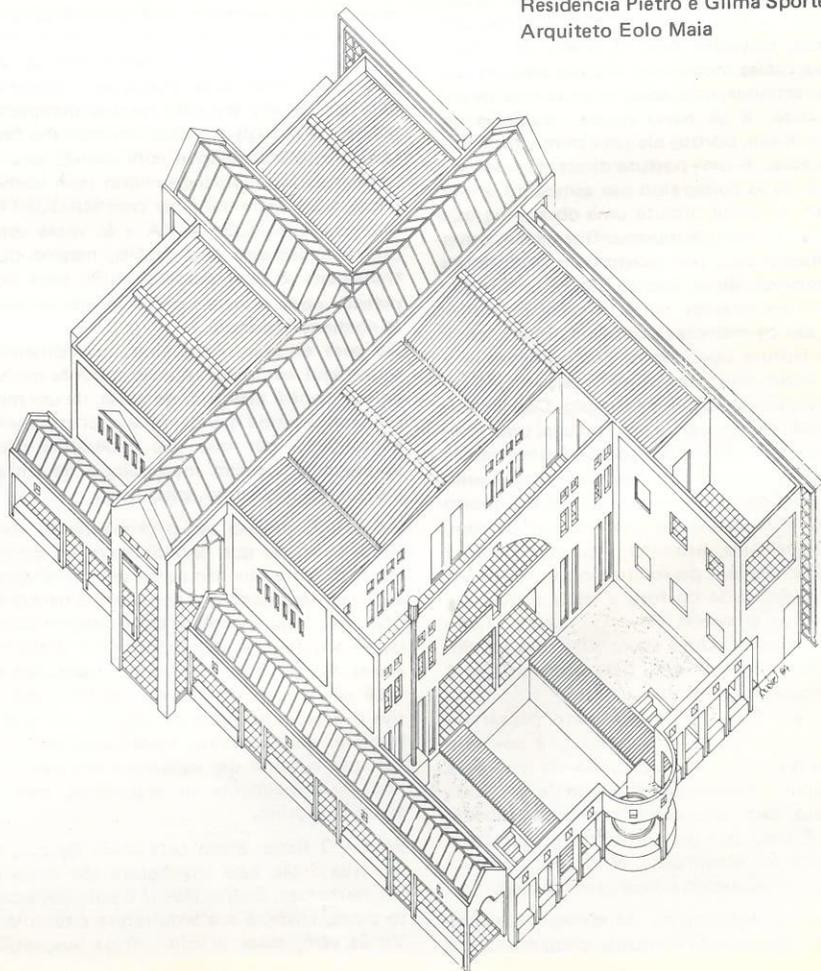
Éolo — É, agora... esse tipo de arquitetura que a gente faz é mesmo a que a gente fazia a um tempo atrás, ela nunca foi muito comercializada, porque existem hoje protótipos de baixo nível de arquitetura moderna que são usados pela especulação. Então a especulação ou os construtores não estão preocupados com questões de arquitetura, moderna ou pós-moderna, eles querem é vender. Então eles deixam de chamar arquitetos mais atuantes, se vê que a maioria dos arquitetos brasileiros de todas as gerações sempre ficaram marginalizados da maioria das construções, a não ser o Niemeyer que é um caso especial.

Jô — Isso porque também essa arquitetura moderna, dita moderna, que faz esses caixotes de vidro não precisa do arquiteto, só para decorar o hall, escolher a cor do vidro...

Sylvio — É e se vier mesmo essa chamada geração pindurcalho vai ser uma folia uma parafernália toda vai ser uma loucura...

Éolo — Antes o pessoal não discutia arquitetura, era só seguir o modelo, então está se tornando perigoso porque vai ter muito arquiteto novo que vai pegar essas leituras mais fáceis sem uma maior discussão e vai começar a fazer...

Residência Pietro e Gilma Sportelli
Arquiteto Eolo Maia



Sylvio – Vai fazer colonioso...

Éolo – Pós-modernoso...

Sylvio – Pega a leitura mais fácil, a janela, o telhado...

Éolo – Então o troço é complicado, por exemplo, os italianos tipo Aldo Rossi tem uma linguagem histórica de projeto muito forte e nós não temos essa história. Vai ser uma loucura.

ôculum – Mas é aí talvez onde fica a nova arquitetura norte-americana onde eles deram um chute no balde.

Sylvio – Mas os americanos... quais realmente se tornaram pós-modernos de proposta, foi mais uma retomada do mercado porque os prédios lá tavam sendo feitos por qualquer pessoa, então eles resolveram desenhar os prédios para poder ser chamados.

Éolo – E tem também que o americano, de um modo geral, tem muito dinheiro e pouca cultura e pagam esses milk-sheiks deles essa coisa toda que aparece, eles conseguem construir muito. Coisa que a arquitetura européia constrói muito menos, mas tem muito mais base, é muito mais séria.

Jô – Mas eu acho legal esse delírio todo americano, sabe!

Éolo – É Nova York, Las Vegas...

ôculum – Vocês não acham que aqui a gente tem muito haver com esse delírio de mercado, de construir, fazer várias imagens. Que tem tanto haver como com nossa arquitetura colonial barroca, digo, essas formas que são tão importantes para nós quanto a forma da Coca-Cola, da USTOP em Out-Doors, tão presentes para nós quanto as formas históricas?

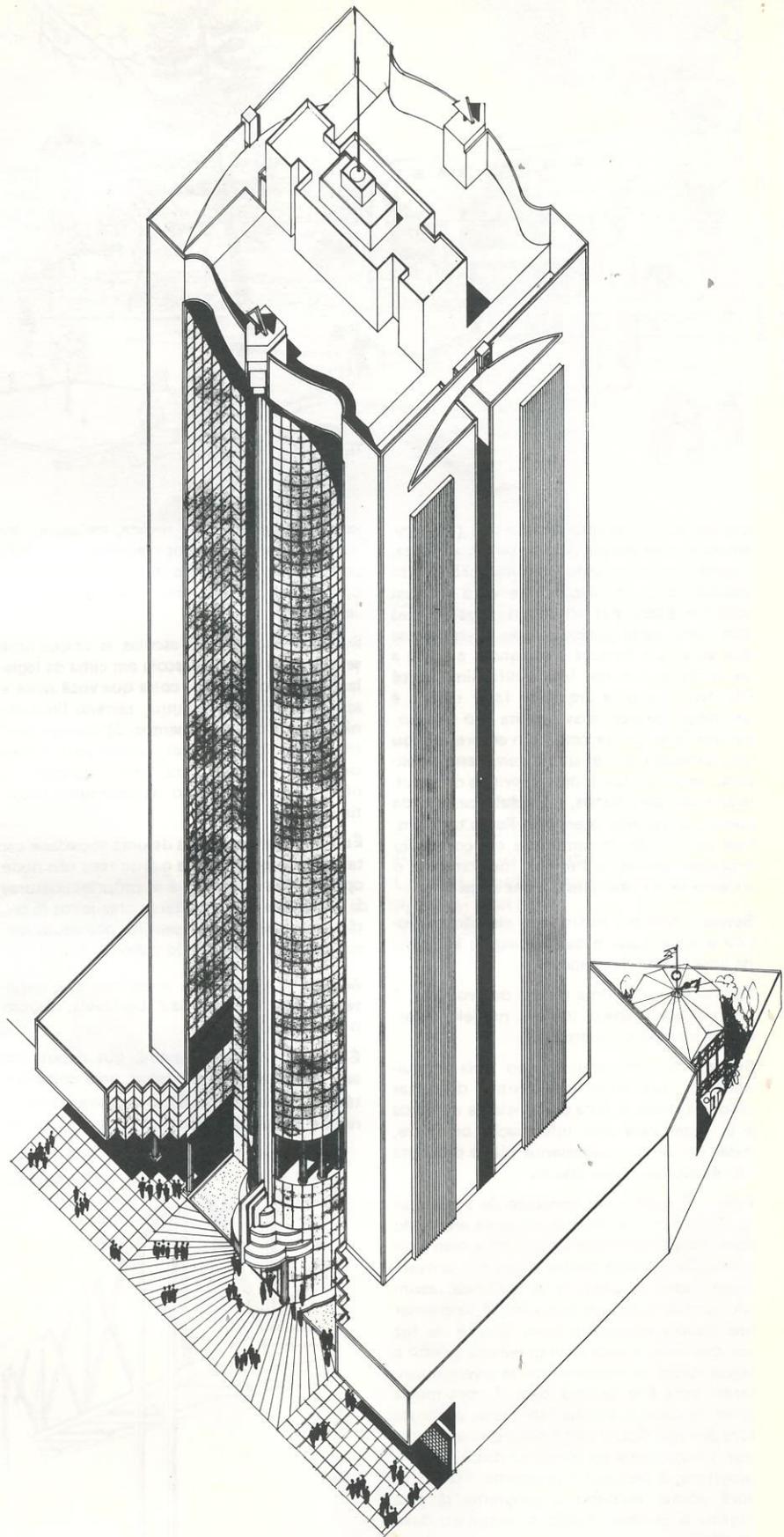
Éolo – Vamos pegar pela casa que fica mais fácil. A classe média é extremamente conservadora, e é uma classe sofredora, porque não é nem rica nem pobre, então é desesperada porque está ficando cada vez mais pobre e que tem que manter um certo status. Então a casa é um negócio fantástico... porque o sujeito vai se endividar no BNH o resto da vida, então o sujeito não vai arriscar a fazer uma casa com outros padrões visuais atuais, de um modo geral, porque ele não sabe da coisa, então ele é mais tradicionalista, ele prefere a casa do tio, do avô, que é numa fazenda, aquele telhadão fantástico, e enfia aquilo num lotezinho, é aquele pau velho, tijolinho, então fica aquela imagem bucólica.

Jô – Está acontecendo uma defasagem, por exemplo, a gente tem um cliente que nós fizemos um projeto prá ele, é todo assim numa nova linguagem, aí ele pediu prá nós assim ó “põem um concretoão pôe. Ele estava achando que o concretoão era avançadíssimo. A classe média é muito defasada.

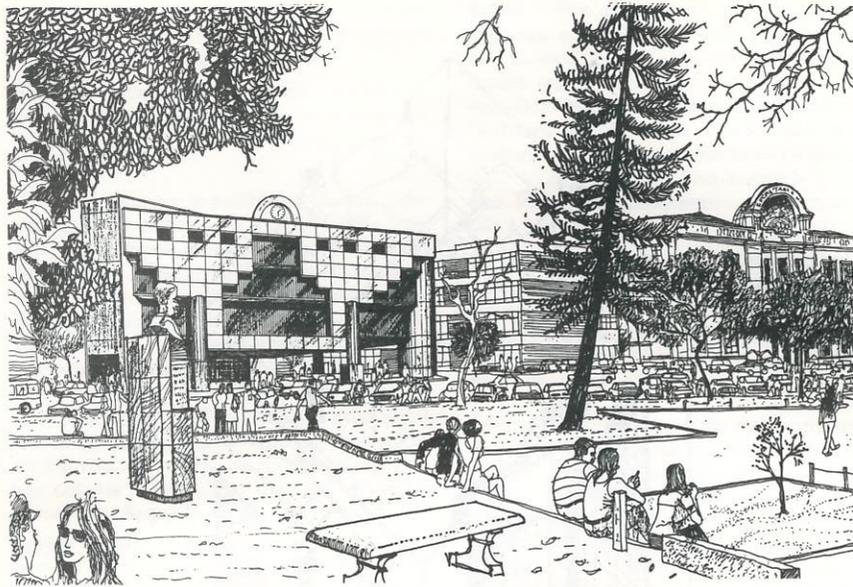
Éolo – Mas eu acho que o grande público não tem obrigação de ter esse tipo de informação porque não sai nada em jornal a não ser em termos de altas teorias de Arquitetura. O público ele não sabe direito o que acontece, o que se faz hoje. A gente é um cara de elite, isso é terrível no país.

ôculum – Mesmo prá nós essas informações não chegam com facilidade, não é?

Éolo – É mesmo, a discussão entre nós é meio complicada porque a gente não está acostumado a ter esse tipo de diálogo ainda. Justamente por falta de revistas, o que eu acho importantíssimo vocês fazerem, por-



Anteprojeto para o Concurso do Edifício Sede do IPLEMG
Arquitetos: Eolo Maia e Sylvio Podestá



que eu acho que toda cidade que tem uma escola de arquitetura deveria ter uma revista. Temos que criar uma comunicação muito grande, criar um debate. Se vê é incrível aqui no Brasil nós só temos duas revistas com uma certa periodicidade e essa nossa que sai aí aos trancos e barrancos e agora a de vocês, a *óculum*. Mas é difícil, você não tem apoio, e arquiteto fazer revista é um troço heróico, mas a gente não sabe organizar uma revista como um empresário ou um jornalista e é aí que a gente entra pelo cano, se vê aí que todas as revistas de arquitetura são deficitárias, a *Módulo* passa cada aperto, o Vicente lá em São Paulo também, mas agora a gente sente que ele conseguiu organizar melhor o *Projeto*, mas também o Vicente vem trabalhando a dez anos.

Sylvio — Mas por outro lado ele não se propõe a jogar tudo o que conseguiu em cima de uma revista de proposta.

Éolo — É, não é uma revista de proposta, é uma revista acabada, de um modelo de arquitetura e para o mercado.

Sylvio — No máximo um ou dois artigos. É expositiva e expositivo de certas coisas já ditas. É uma seqüência de números e às vezes vaza uma informação ou outra, passa um artigo interessante. Mas a proposta não é divulgar o que está aí.

Éolo — É igual a um concurso de arquitetura. Eu acho que deveria ser mais analisado com mais intensidade os projetos com proposta. Geralmente ganha o projeto convencional com arquitetura já definida, assim não precisa fazer um concurso, é só chamar uns quatro arquitetos bons. Mas se, se faz um concurso aberto você tá sempre sujeito a novas idéias, principalmente de jovens arquitetos, pois é o pessoal que tá com muita coisa na cabeça, e pode fazer uma proposta fora dos padrões. O júri é despreparado, porque o importante no concurso não é seguir o programa, é elaborar o programa. Porque se você copiar certinho o programa já está pronto o projeto. Então o arquiteto deve interferir no programa. Agora, se você fizer isso num concurso de nível nacional, padrões do IAB, você perde o concurso, porque é um negócio acadêmico. Você acaba sendo um mero projetista do seu empresário, que no caso é o IAB ou outra entidade que realiza o concurso. Então essa coisa de

concurso tem que ser revista, inclusive, deixar a apresentação dos trabalhos livre. Não pode limitar o número de pranchas, deixa a casa apresentar em slides, pintar as pranchas, sei lá...

Sylvio — Isso vem das escolas, se vê que hoje se ensina os caras na escola em cima de legislação de uso do solo, coisa que você senta e aprende em dois minutos, terreno limitado não sei prá onde, caimentos. Já começa dentro da escola a preparar a figura para o mercado que existe lá fora. Está preparando a nível de uma profissão de desenhista, projetista...

Éolo — Ser projetista de uma sociedade capitalista que quer isso, e o arquiteto não pode opinar. Mas as escolas e as próprias posturas da sociedade dos arquitetos brasileiros já está ultrapassada nesse sentido por causa disso, porque é um negócio meio nazista.

óculum — Agora, aqui vocês tem essa arquitetura dita de esquerda? De favela, resolver o caso do povo?

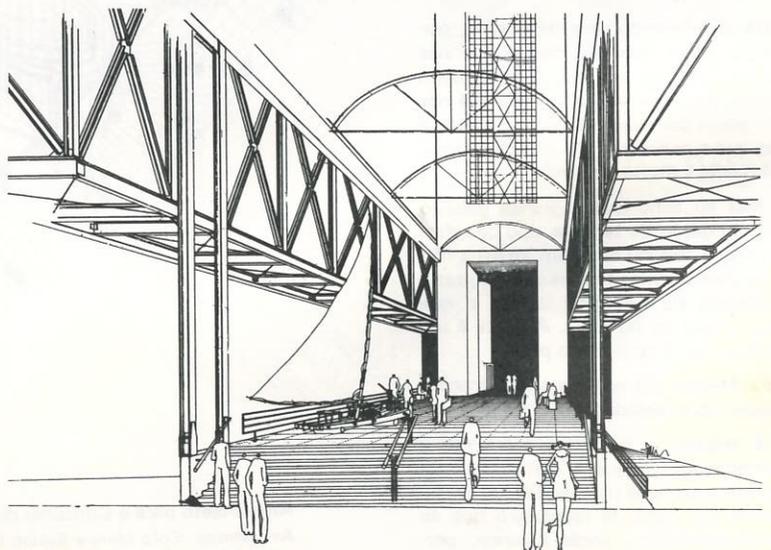
Éolo — É tem esse pessoal que depois das seis da tarde é de esquerda, uma coisa fantástica, você ganha salário do governo de direita e depois das seis horas, acabando o ex-

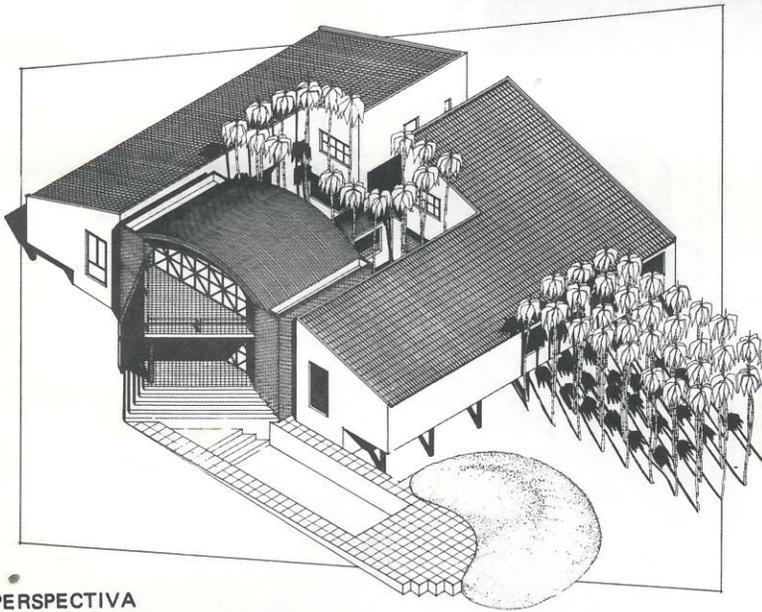
pediente, você toma uma cerveja e é de esquerda. Aí você tem soluções fantásticas que ninguém vê, que tá tudo arquivado. Agora, o problema é que nós não temos o poder de decisão, a não ser que a gente seja político, como é o caso do Jaime Lerner, que conseguiu fazer um trabalho em Curitiba porque tinha o poder nas mãos e uma equipe muito incrível. Agora nós somos simplesmente mandados a fazer, e se você não faz, o outro faz, pois tem quinhentos caras desempregados, tudo passando fome. Então não exige uma postura social, então é muito mais valente do que querer resolver casa popular, como fica essa turma de esquerda imediatista. Tudo bem ser um cara de esquerda, mas imediatismo é demagogia, porque o favelado, o sujeito que não tem casa, se você der condições, de material, ele faz a casa muito melhor do que projetada por qualquer arquiteto. Eles vivem de outra maneira, eles resolvem muito melhor, aí, certo o arquiteto pode planejar, tipo consultor de planejamento, de acatamento das casas, uma série de coisas técnicas. Mas a casa em si eu não sei o que os arquitetos têm que querem resolver o problema de casa popular. É uma coisa de uma pretensão fantástica.

Sylvio — Então se vê essa turma que fez plano diretor, que fez periferia, misturada com a outra turma que fez a grande arquitetura bancária brasileira, que é casa, que é hospital, que é colégio, não quer perder essa situação. E quando, de uma hora para outra, aparece um miolo que consegue fazer alguma coisa, que tem respostas interessantes, mesmo em pequena escala, aí se começa a questionar comercialmente, eles não estão mesmo preocupados se esse projeto é mais ou menos bordado, eles não estão querendo discutir exatamente essa postura arquitetônica no Brasil, não estão é querendo perder mercado prá esse novo tipo de postura. Realmente é o que acontece aí.

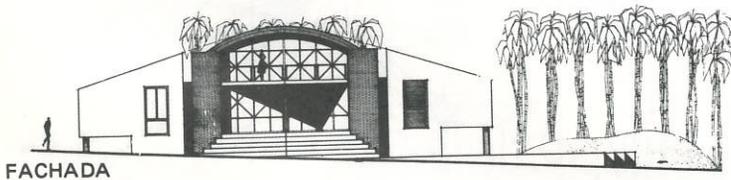
Éolo — É uma atitude reacionária dos arquitetos que tem o poder hoje de uma arquitetura oficial brasileira. Eles estão talvez tendo os mesmos *chiliques* que o governo brasileiro, porque a coisa está mudando e isso é inevitável. O pessoal mais jovem está cansado desse tipo de arquitetura e está procurando novos caminhos, agora não existe nenhum caminho, então você pode fazer alguma coisa muito mais interessante, muito mais livre.

Anteprojeto para o Concurso do BNB — Ag. Belo Horizonte

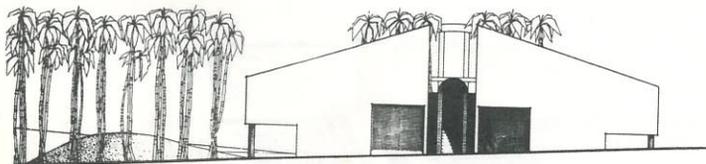




PERSPECTIVA



FACHADA



FACHADA

RESIDÊNCIA SYDNEI/KARLA

Arquiteto: Sylvio de Podestá

Local: Lagoa Paranoá - Brasília - D.F.

Projeto: L981

Área: 340 m²



CONCURSO NACIONAL E INTERNACIONAL MINISTÉRIO DE URBANISMO DA

República
Algeriana
Democrática
e Popular

10

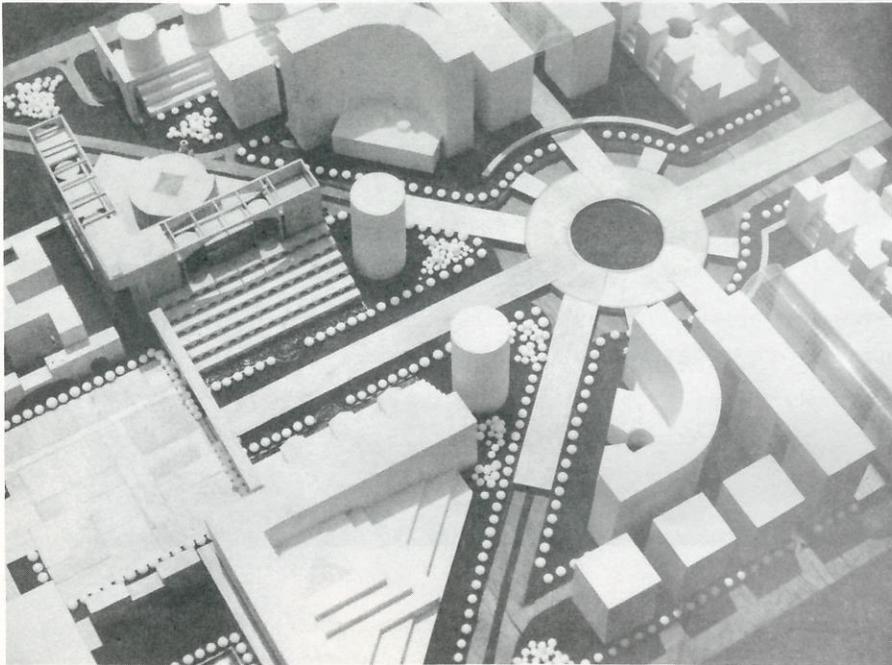
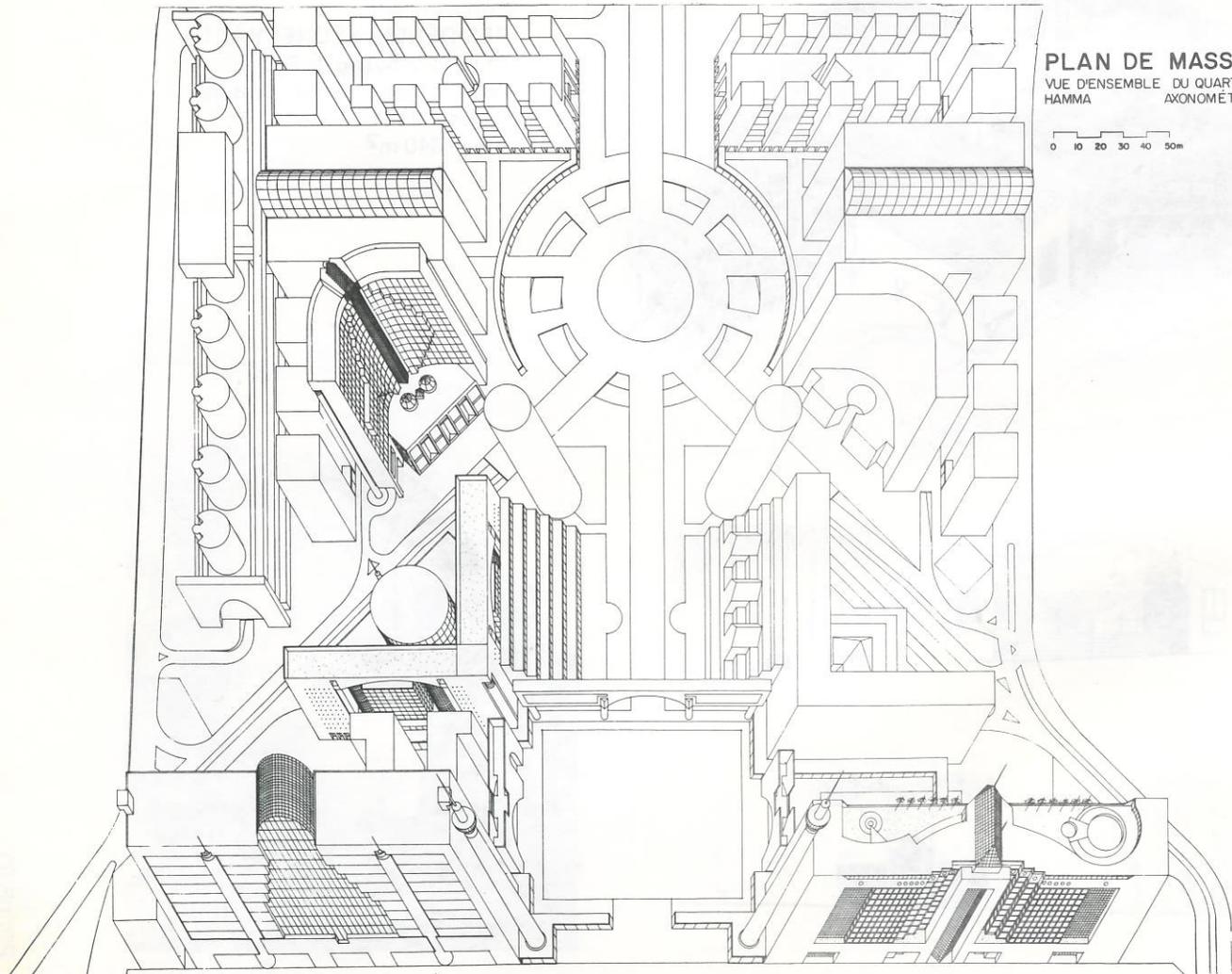


foto da maquete

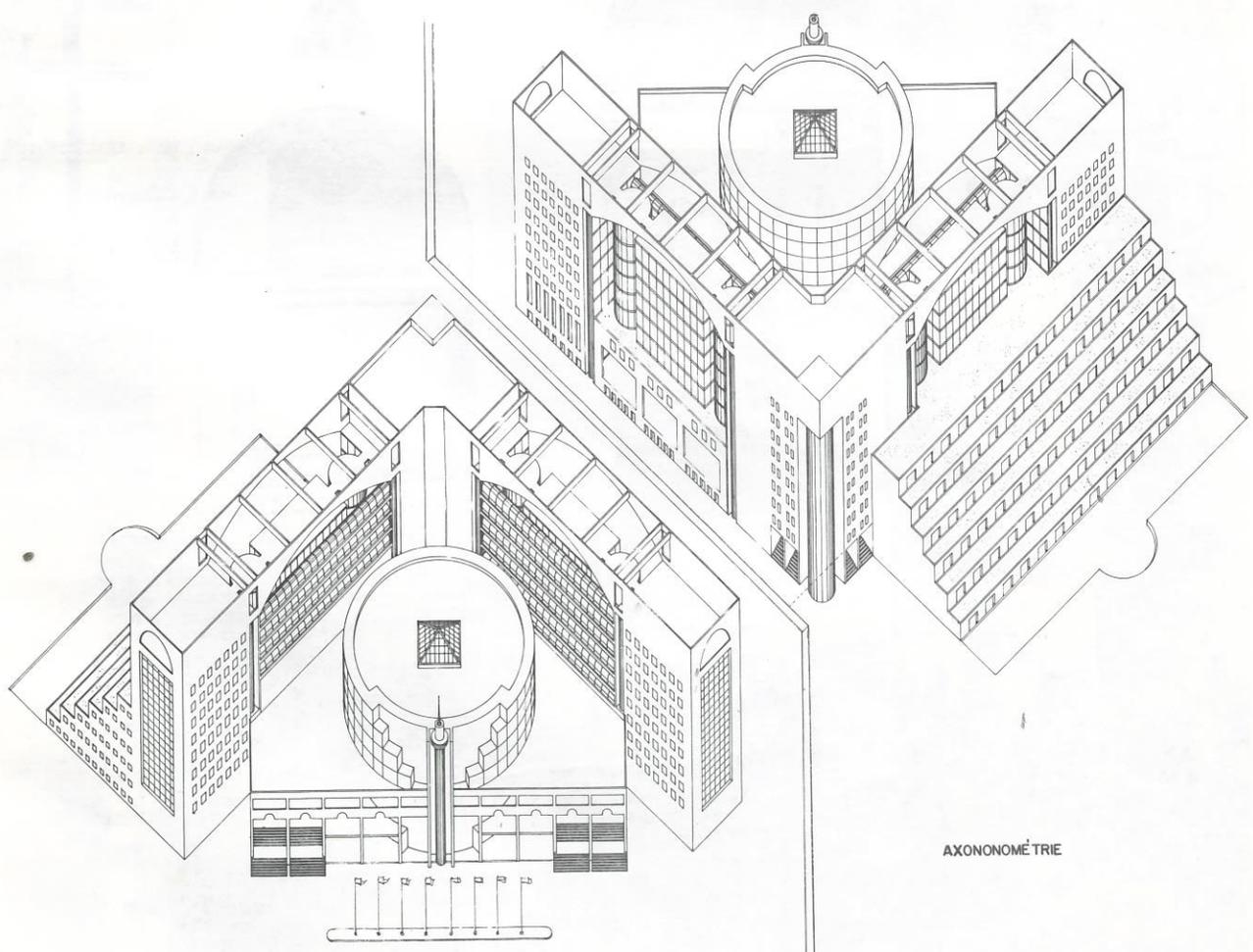
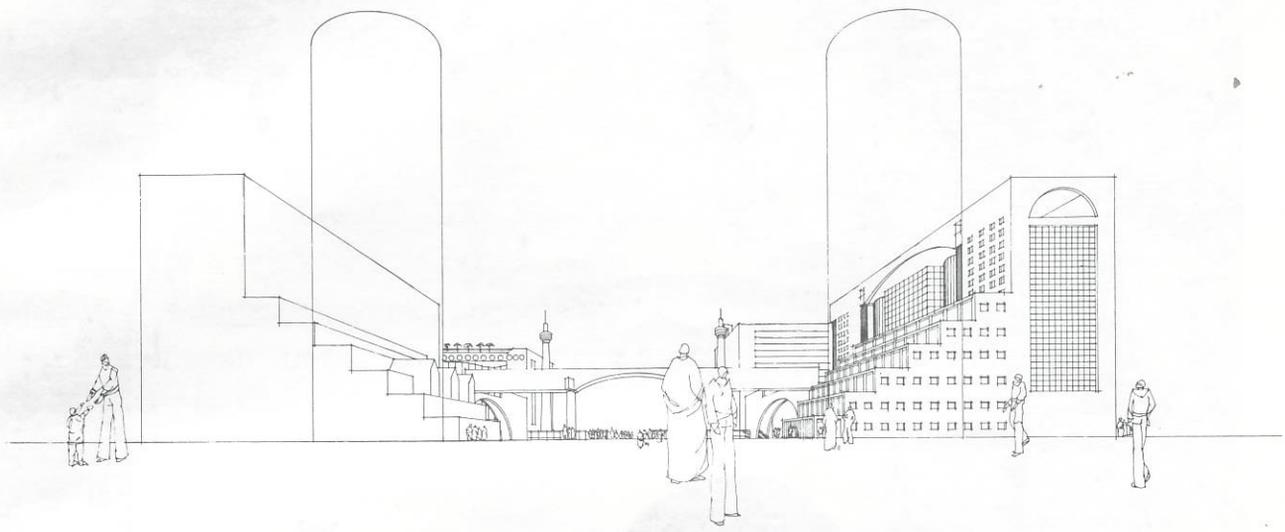


PLAN DE MASSE
VUE D'ENSEMBLE DU QUARTIER
HAMMA
AXONOMÉTRIE

0 10 20 30 40 50m

ANAL DE PROJETOS DE ARQUITETURA CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO

11



AXONOMETRIE

ASSEMBLEE POPULAIRE NATIONALE
0 5 10 15 20 25 ECHELLE 1/500

PROJETO